



Estudos em homenagem a
Maria Isabel D'Agostino Fleming

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

REFLEXÕES SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO

Vagner Carvalho Porto
Marcia Severina Vasques
Marcio Teixeira-Bastos
(Organizadores)

2023

ORGANIZADORES:	Vagner Carvalho Porto Marcia Severina Vasques Marcio Teixeira-Bastos
COMISSÃO CIENTÍFICA:	Adriene Baron Tacla - Universidade Federal Fluminense (UFF) Camilo de Mello Vasconcellos - Museu de Arqueologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP) Cintia A. Gama-Rolland - Musée des Confluences, Lyon Claudio Walter Gomez Duarte - Universidade Metropolitana de Santos (Unimes) Fabio Vergara Cerqueira - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel) Gilberto da Silva Francisco - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Juliana Figueira da Hora - Universidade de Santo Amaro (Unisa) Louise Prado Alfonso - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel) Luiz Antonio Dias - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
CAPA:	Lygia Ferreira Rocco
EDIÇÃO E REVISÃO:	Felipe Cotrim Tikinet
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:	Nicole de Abreu Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P853	Porto, Vagner Carvalho, Vasques, Marcia Severina, Teixeira-Bastos, Marcio (Organizadores) Arqueologia clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo Antigo / Organização de Vagner Carvalho Porto, Marcia Severina Vasques e Marcio Teixeira-Bastos. – São Paulo: MAE-LARP/USP, 2023. 444 p.; il.
	<i>Estudos em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming</i>
	ISBN 978-65-87080-47-5
	1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Clássica. 4. Antiguidade Clássica. 5. História Antiga. 6. Arqueologia Clássica no Brasil.

CDU 930.26

CDD 930.1

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Sumário

Apresentação	9
<i>Os organizadores</i>	
1 – Michel Gras pour Maria Isabel	21
<i>Michel Gras</i>	
2 – Para Maria Isabel, de Michel Gras	25
<i>Michel Gras, tradução de Claudia Gradim</i>	
3 – Um testemunho da convivência com Mabel Fleming	29
<i>Eduardo Góes Neves</i>	
4 – Um tributo a Maria Isabel D'Agostino Fleming, mestra e inspiradora	33
<i>Pedro Paulo A. Funari</i>	
5 – Les cites romaines du Maghreb	37
<i>Patrick Le Roux</i>	
6 – As cidades romanas do Magreb	57
<i>Patrick Le Roux, tradução de Claudia Gradim</i>	
7 – Formas de escolha e consumo em Morgantina (Sicília): as áreas funerárias e as áreas domésticas	77
<i>Elaine Farias Veloso Hirata</i>	
8 – A Calábria meridional e a expansão grega no Mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a emporia (sécs. VIII-VI a.C.)	105
<i>Maria Beatriz Borba Florenzano</i>	

9 – O impacto do crescimento de Antioquia sobre o campesinato sírio: Libânio e a defesa dos <i>Georgoi</i>	129
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>	
10 – O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético	153
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>	
11 – O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir	197
<i>Maria Cristina Nicolau Kormikiari</i>	
12 – A morte e o Além no Egito Romano: a necrópole de Hermópolis Magna	225
<i>Marcia Severina Vasques</i>	
13 – An attic crater at MAE-USP: a case study for conservation employing portable X-ray fluorescence technique	245
<i>Carlos Roberto Appoloni e Silvia Cunha Lima</i>	
14 – Uma cratera ática no MAE-USP: um estudo de caso para conservação utilizando a técnica de fluorescência de raios-X portátil	259
<i>Carlos Roberto Appoloni, Silvia Cunha Lima, tradução de Claudia Gradim</i>	
15 – A Arqueologia Medieval no Brasil	275
<i>Marcelo Cândido da Silva, Marina Duarte Sanchez, José Francisco Fonseca e Gabriel Rodrigues Cordeiro</i>	
16 – Comentários sobre o Mitreu de Londres	289
<i>Renato Pinto</i>	
17 – Dioniso, sátiros e bacantes nos mosaicos romanos do Norte da África	311
<i>Silvana Trombetta</i>	

18 – Espaços do Sagrado em Cesareia Marítima no Período Romano-Bizantino	333
<i>Marcio Teixeira-Bastos</i>	
19 – Desembaraçando as tramas interpretativas: reflexões sobre os usos e conteúdos do <i>Livro do Amduat</i> durante a 21ª dinastia	367
<i>Cássio de Araújo Duarte</i>	
20 – Arqueologia e cristianismo antigo: um percurso histórico sobre a interpretação da cultura material	387
<i>Alessandro Mortaio Gregori</i>	
21 – Territórios Plurais dentro QAŞR ASH-SHAMA^c (Fortaleza da Babilônia)	407
<i>Lygia Ferreira Rocco</i>	
Biografia dos autores	435

Apresentação

Esta não é a primeira homenagem que Maria Isabel D'Agostino Fleming, nossa querida professora Mabel, recebe, e certamente não será a última. Neste ano em que a professora Mabel completa 80 anos de vida, este livro tenciona ser nossa mais sublime homenagem. Depois de tantos anos de dedicação à docência, à pesquisa e à extensão universitária na Universidade de São Paulo, essa singela coletânea que reúne professores estrangeiros que fizeram parte de sua trajetória, colegas do Museu de Arqueologia e Etnologia, o MAE-USP, ex-alunos, hoje professores e também pesquisadores do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (Larp), que a professora Mabel fundou em 2011 e que ainda coordena, procura reconhecer a indelével contribuição dessa importante professora de Arqueologia Mediterrânica no Brasil.

O Larp vem reunindo ao longo dos anos uma *expertise* significativa na área de Arqueologia Romana, principalmente no tocante às novas tecnologias e à extroversão deste conhecimento ao público escolar, buscando ser um canal de reflexão e viabilização acerca do desenvolvimento e aprofundamento das pesquisas realizadas no MAE-USP sobre a atuação romana nas províncias, tendo como base os debates em torno dos seguintes temas: imperialismo romano; exército; romanização; alteridade/identidade; identidade e discurso; religião e política; urbanismo/urbanização; transformação dos espaços públicos; iconografia; espaço doméstico; tecnologia, produção e consumo; território e paisagem; entre outros. O Larp se notorizou como um dos principais expoentes de pesquisas relacionadas ao mundo romano no Brasil e, ao longo destes mais de dez anos de existência, as pesquisas do Larp receberam suporte das mais representativas agências de fomento do país: a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Mas a exitosa trajetória da professora Mabel começa décadas atrás, com seu ingresso na graduação de História em 1970, culminando com sua formação em 1973. O mestrado (1978) e doutorado (1987) em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo completaram seu direcionamento para

a disciplina arqueológica. Foram dezenas (senão centenas) de alunos formados entre pós-doutores, doutores, mestres e alunos de iniciação científica. Foram muitas as publicações na área principalmente da Arqueologia Romana, e mais recentemente na área das Humanidades Digitais.

Sempre muito atuante, a professora Mabel participou ativa e intensamente de comissões e tantas contribuições como sua absolutamente significativa passagem como chefe da área técnica do MAE-USP. Digna de menção é sua participação nas organizações de exposições arqueológicas na USP. E, como não destacar a incansável e imprescindível tarefa de coordenar a editoração da Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia entre os anos 1991 e 2013?

Além da sólida formação recebida na USP, a professora Mabel tem uma formação internacional muito importante, sendo membro estrangeiro da *École Française de Rome* entre os anos 1983 e 1985 e desenvolvendo pesquisas nos EUA, Inglaterra e outros países mais. Atualmente, a professora Mabel atua como Professor Sênior do MAE-USP, orientando alunos, oferecendo disciplinas, coordenando o Larp e desenvolvendo pesquisas nas áreas da Arqueologia Romana, Educação e Humanidades Digitais.

Referência nacional na área de Arqueologia Romana, pioneira na área de estudos arqueométricos e de Arqueologia Digital no país, a professora Maria Isabel D'Agostino Fleming enfrentou com doçura, generosidade e dedicação todos os desafios da área, contribuindo com rigor e seriedade para consolidação da chamada Arqueologia Clássica no Brasil. Para além destas questões, a professora Mabel será sempre lembrada com carinho por ter sido formadora de importantes professores que se distribuem em importantes universidades brasileiras.

A coletânea *Estudos em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming – Arqueologia Clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo Antigo*, sob a organização de Vagner Carvalheiro Porto, Marcia Severina Vasques e Marcio Teixeira-Bastos, traz inicialmente breves textos memorialistas do diretor do MAE-USP, o professor Eduardo Góes Neves, do antigo Diretor de estudos da Escola Francesa de Roma, o renomado professor Michel Gras, e de um dos principais expoentes dos estudos sobre Império Romano no Brasil, o professor Pedro Paulo Funari. Na sequência, são apresentados 15 capítulos escritos por importantes pesquisadores brasileiros e do exterior, todos com algum grau de conexão com a homenageada.

O primeiro capítulo, de autoria de Patrick Le Roux, intitulado “*Les cités romaines du Maghreb*”, com tradução para o português de Claudia Gradim, apresenta um panorama geral sobre as representações da África romana da região do Magreb.

Em um primeiro momento, o autor aborda o contexto do colonialismo francês do Magreb e os relatos de viajantes, escritores, militares e eruditos sobre as ruínas arqueológicas romanas da região. Em seguida, trata das cidades romanas magrebínas e de seu contexto de urbanização dentro da perspectiva dos estudos arqueológicos e históricos. Por último, adentra no debate mais recente em relação ao termo “Romanização”, analisando a trajetória acadêmica do conceito, desde sua consideração positiva derivada sobretudo da arqueologia britânica até suas adaptações e transformações no decorrer do tempo.

O capítulo de Le Roux é muito mais do que um simples apontamento sobre as cidades romanas do Magreb – é uma reflexão a respeito dos desdobramentos das pesquisas arqueológicas e dos discursos produzidos por acadêmicos e intelectuais do século XIX até os dias de hoje sobre o norte da África romano. Serve-nos tanto como um quadro geral dos estudos da região feitos até o presente momento como também de reflexão sobre as perspectivas futuras, com suas possibilidades e desafios.

Sob o título de “Formas de escolha e consumo em Morgantina (Sicília): as áreas funerárias e as áreas domésticas”, Elaine Farias Veloso Hirata discorre sobre o contexto doméstico e funerário da cidade de Morgantina para pensar, na perspectiva de uma arqueologia do consumo, a incorporação de elementos externos a uma dada sociedade, perpassando pelas discussões teóricas de uma arqueologia que trata dos contatos culturais e seus resultados e reflete sobre a agência de indivíduos e de objetos.

Por meio da análise de objetos cerâmicos, vistos sob a perspectiva dos padrões de consumo, Hirata discute os contatos culturais entre gregos e não gregos, mas também – e sobretudo – tem como prerrogativa pensar a construção de identidades regionais na época arcaica. A autora aborda a questão do consumo e suas escolhas e o agenciamento dos grupos locais; analisa os sítios arqueológicos e as necrópoles de Morgantina e trata dos achados encontrados na Cittadella e na Serra Orlando. Em sua pesquisa sobre Morgantina, um microcosmo situado em uma rede mediterrânea dinâmica, Hirata apresenta um debate atualizado, que explora as problemáticas e as possibilidades futuras das pesquisas arqueológicas voltadas para o estudo dos objetos e de suas formas de consumo.

“A Calábria meridional e a expansão grega no Mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a *emporía* (séc. VIII-VI a.C.)” é o título do capítulo de Maria Beatriz Borba Florenzano, no qual a autora discute o processo de “pré-colonização” grega

no Ocidente mediterrânico a partir do século VIII a.C., utilizando como objeto de análise o assentamento de Metauros, localizado na Calábria meridional.

Florenzano aborda a especificidade da Calábria no espaço mediterrânico, situada em uma posição central, estando ao sul da Península Itálica e entre a Sicília, o Mar Tirreno e o Mar Jônio, sendo local de passagem de embarcações, de trocas de tecnologias e de conhecimento. Sua discussão abrange a questão da mobilidade pelo Mediterrâneo Ocidental e as definições de termos para nomear os assentamentos gregos deste período de “pré-colonização”. Por meio do estudo da documentação material de Metauros, a autora busca compreender como esse assentamento funcionou como um *empória* e, depois, como ponto de apoio para a expansão e ocupação grega no sul da Calábria e para a fundação de *apokias*. Dentro das perspectivas mais atuais da Arqueologia, Florenzano amplia seu olhar para além dos gregos, considerando também, em sua análise, o papel ativo das populações indígenas na rede de trocas e de interação mediterrânicas.

Gilvan Ventura da Silva, em seu capítulo “O impacto do crescimento de Antioquia sobre o campesinato sírio: Libânio e a defesa dos *Georgoi*”, trata da cidade de Antioquia, na província da Síria-Coele, uma das maiores metrópoles da Antiguidade nos séculos IV e V d.C., e discute os problemas decorrentes de sua expansão urbana. Silva utiliza como base documental a obra de Libânio “*Oratio 50: em favor do campesinato, sobre os trabalhos forçados (Pro agricolis de angariis)*” e o panegírico que esse dirigiu à cidade por ocasião dos Jogos Olímpicos de 356, conhecido como *Antiochikos*.

Silva, ao analisar os discursos de Libânio, aponta elementos importantes a considerar na análise histórica do período. Entre estes podemos citar: a mobilidade existente entre a *ásty* e a *khora*, fator muitas vezes depreciado pela historiografia, e a situação do lixo urbano produzido pela cidade, cuja “solução” passava pela exploração da camada social mais vulnerável, no caso, camponeses, que eram obrigados a realizar uma prestação compulsória de trabalho de levar os entulhos da construção civil para fora da cidade. São aspectos do desenvolvimento urbano que nos servem de reflexão (e de preocupação) até os dias de hoje.

A urbanicidade das cidades antigas é também abordada no capítulo de Vagner Carvalheiro Porto, sob a rubrica de “O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético”, instigando os leitores a refletir sobre as facetas de Dioniso, um deus cultuado na Grécia, que encontra ecos de adoração na terra oriental de Nisa-Citópolis, atual Beit She’an, em Israel, cidade da Decápolis romana no Oriente Médio. O texto demonstra a força e poder do deus

Dioniso, nas últimas décadas identificado principalmente por meio das descobertas arqueológicas como o patrono da cidade.

A partir de um enfoque contextual arqueológico, Porto leva em conta a força do mito, dos objetos, da narrativa, da epigrafia, do contexto arqueológico e imagético para explorar o entendimento de conceitos abstratos particulares, na comunicação de diferentes relacionamentos, seja com o deus Dioniso, seja com a ninfa Nisa, sua babá, elevados à condição de protagonistas de uma história de longa duração na cidade.

Já em seu capítulo “O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir”, Maria Cristina Nicolau Kormikiari questiona a atual situação paradoxal do Norte da África no cenário acadêmico brasileiro. A autora indaga se o Norte da África, enquanto campo de pesquisa, se encaixa nos estudos africanos ou nos estudos do Mediterrâneo antigo, e ainda quais são as implicações dessa definição. Ao longo do texto, Kormikiari apresenta a história de ocupação dessas terras, ao longo dos milênios, desde a pré-história, e aponta alguns caminhos a serem seguidos nos estudos dessa região geográfica. Como salienta a autora, os temas do movimento colonial moderno e os movimentos de emancipação do terço final do século XX demonstram a riqueza e a importância dessa região para o conhecimento humano.

Kormikiari aponta que nas últimas décadas, o aumento e o aprofundamento das pesquisas arqueológicas de campo têm alargado as fronteiras de nosso conhecimento. Projetos de amplas prospecções arqueológicas (*surveys*, em inglês) na região, como o exemplo do *Libyan Valley Survey*, e as escavações de sítios arqueológicos, tais como Lixus, no Marrocos, os situados no território de Iol-Cesareia, na Argélia, em Útica e na região fértil do Vale do Medjerda, ambos na Tunísia, são casos que demonstram o pujante potencial arqueológico dessa área de estudos. A autora procura demonstrar a multiplicidade de visões, percepções e compreensões, que caracterizam a multivocalidade e variedade de discurso, elemento essencial da apreensão contemporânea do passado.

Em seu texto “A morte e o Além no Egito Romano: a necrópole de Hermópolis Magna”, Marcia Severina Vasques aborda a morte e as questões que a cercam pela perspectiva do emaranhamento cultural. A autora mostra que no Egito romano “houve a ‘mistura’ de elementos de origens diversas, o que provocou o surgimento de um terceiro objeto, este sim, novo”. Neste estudo Vasques procura focar sua análise na percepção dos processos de emaranhamento (ou não) da cultura material (a iconografia das tumbas) e na cultura escrita (suas inscrições)

da necrópole de Tuna el-Gebel. A fim de observar a representatividade da diversidade religiosa e cultural de Hermópolis Magna e de sua necrópole, Tuna el-Gebel, a autora analisou três exemplos de tumbas que abarcam o período do século I a II d.C.

Marcia Vasques observa que no primeiro caso, a tumba casa 21, é a mais egípcia de todas, pois apresenta elementos decorativos derivados da iconografia egípcia tradicional com referência a textos funerários como o *Livro dos Mortos*, o *Livro das Respirações* e o *Livro do Amduat*. Por sua vez, a tumba 3, a do rapto de Perséfone, possui elementos gregos característicos, que aparecem recorrentemente em tumbas de Alexandria, da Macedônia e de outros lugares do Mediterrâneo. Neste caso, a autora enfatiza que mesmo que de origem grega, o mito de Perséfone se relaciona com as crenças egípcias do *post-mortem*, com as figuras de Osíris, o deus que morre e renasce, e Ísis, associada a Deméter.

Por fim, em seu último estudo de caso, a tumba de Isidora, a tumba número 1, é a que observa mais nitidamente o que chamou de emaranhamento. Segundo a autora, “tanto os elementos iconográficos presentes na tumba como a *kliné*, a decoração em forma de leito funerário de leão, a concha, a própria mumificação e os epigramas, são elucidativos de uma sociedade compósita, que transitava em vários ambientes culturais e que, na morte, se aproveitava ao máximo dos recursos que tinha à disposição para, em um momento de luto e de lamentação, recorrer às possibilidades que as crenças e rituais funerários existentes na região permitiam”.

Na sequência o leitor é brindado com o texto de Carlos R. Appoloni e Sílvia Cunha Lima, “*An attic crater at MAE-USP: a case study for conservation employing portable X-ray fluorescence technique*”, que também recebeu a tradução para a língua portuguesa de Claudia Gradim. O capítulo investiga de forma totalmente original a composição química dos materiais empregados nas restaurações, procura datá-los e orientar o tratamento do objeto. A Cratera Ática de figuras vermelhas, datada do século IV a.C., é proveniente do sul da Itália e faz parte da coleção do MAE-USP. Neste capítulo se nota a contribuição indelével da professora Fleming, não somente aos estudos arqueológicos clássicos, mas aos nacionais em Arqueologia de forma geral. Suas publicações foram pioneiras no que tange o papel que a conservação e a arqueometria desempenham para o estudo de objetos em coleções arqueológicas, contribuindo diretamente ao processo curatorial dos museus.

Como salientam Appoloni e Lima em seu texto, a consciência de que a tomada de decisão da restauração não é meramente técnica nem neutra, considerando que as decisões podem alterar o acesso à informação e interferir na relação entre espectadores e objetos. A revelação de reparações e materiais antigos apresenta variações de técnicas de restauro simples a elaboradas, o que conduz inevitavelmente a questões de valor e finalidade de cada intervenção distinguida. O excelente texto reforça a importância de estudos curatoriais interdisciplinares, com especial atenção ao emprego de técnicas da Física, nesse caso, que considerem diferentes saberes e múltiplas perspectivas de abordagem.

Intitulado “A Arqueologia Medieval no Brasil”, o capítulo de Marcelo Cândido da Silva, Marina Duarte Sanchez, José Francisco Fonseca e Gabriel Rodrigues Cordeiro traça brevemente um pequeno histórico da emergência dos estudos arqueológicos do período medieval no país. Por toda a Europa, a Arqueologia Medieval se profissionalizou paulatinamente após a Segunda Guerra Mundial e uma segunda etapa da consolidação da disciplina ocorreu nas décadas de 1980 e 1990 com a disseminação da Arqueologia Preventiva, especialmente na França. Já no Brasil, os estudos medievais permaneceram até recentemente atrelados unicamente aos documentos escritos. O primeiro núcleo de Arqueologia Medieval começou, contudo, a se desenvolver apenas a partir da década de 2010 através do Laboratório de Estudos Medievais (Leme), no Departamento de História da USP. Os autores enfatizam que o aumento do interesse pelo campo da Arqueologia Medieval tem se beneficiado de uma maior interlocução com os centros de Arqueologia Clássica já consolidados, nomeadamente o Larp e o Laboratório Temático de Estudos Sobre a Cidade Antiga (Labeca) do MAE-USP. Nesse sentido, o Museu de Arqueologia e Etnologia reforça sua posição de maior difusor e incentivador do desenvolvimento da Arqueologia no âmbito universitário.

Nesse texto os autores referem como os estudos medievais sofrem hoje a influência do debate internacional sobre as questões ambientais e discorrem sobre a contribuição positiva das Humanidades Digitais à área. Mais uma vez é possível perceber a capacidade de liderança científica e atualidade das abordagens arqueológicas a que se dedicou a professora Fleming. Ainda em 2017, em uma de suas publicações, em co-autoria com alguns dos autores desse livro, a professora Fleming abordou o tema da Arqueologia Clássica e as Humanidades Digitais no Brasil, sendo esta a primeira publicação desta linha no país voltada à Arqueologia, gerando o incentivo e proliferação do tema *a posteriori*. Atualmente, o Leme-USP atua nessa área por meio da Arqueologia Medieval focada na Alta Idade Média.

Conforme os autores apontam, os historiadores medievalistas percebem a necessidade de ir além dos documentos textuais, para analisar o impacto das condições naturais, do clima e das patologias sobre as comunidades humanas, bem como as questões e desafios que as diferentes disciplinas voltadas ao estudo do passado lidam na atualidade.

Por sua vez, Renato Pinto, em seu capítulo intitulado “Comentários sobre o Mitreu de Londres”, aborda, entre outros tópicos, o influxo das religiões orientais no Principado romano e o mitraísmo na Britannia. O autor argumenta que muitas religiões de mistérios comportavam associações (*collegia*) voluntárias e exclusivas que, por meio de rituais de iniciação, prometiam a vida eterna. O cristianismo vem logo à mente, mas havia outras, como o mitraísmo, ou o culto à Deusa Mãe (*Magna Mater*). O culto a Mitras na *Britannia* estava acompanhado de outras divindades e o mitraísmo em Londres mostra o quão fácil era a assimilação de outras religiões, e sua tolerância com outras divindades. Do Mitreu de Londres puderam ser obtidas várias dedicatórias e estátuas dedicadas a divindades variadas.

Conforme argumenta o autor, essas associações religiosas rompiam com as tradições religiosas greco-romanas, que preconizam uma relação muito mais contratual entre as divindades e os devotos do que mudanças profundas de fundo espiritual e ético. Imprimindo sua experiência pessoal com o Mitreu de Londres, um patrimônio da humanidade, Renato Pinto assevera que o Mitreu continuará influenciando muito da maneira como percebemos a *Britannia*, seus habitantes e o mundo romano como um todo, quando voltamos nossos olhares para o passado.

Silvana Trombetta, em seu texto “Dioniso, Sátiros e bacantes nos mosaicos romanos do Norte da África”, analisa e discute sobre a força da representação dos cultos dionisíacos na província romana do norte da África, destacando as várias fases de vida do deus, e buscando enfatizar a figuração da infância de Dioniso e sua introdução aos mistérios.

Outro elemento relacionado ao deus que Trombetta aponta é seu cortejo, demonstrando que este é bastante relevante para o estudo das representações cerimoniais em solo norte-africano. Por fim, outros dois elementos significativos analisados pela autora são o ritual de sacrifício e o triunfo de Dioniso. Silvana Trombetta finaliza alegando que os mosaicos que fazem alusão aos mistérios dionisíacos, bem como os que fazem menção ao triunfo de Dioniso, não têm um propósito meramente decorativo. Além da rica e detalhada narrativa iconográfica cuidadosamente trabalhada nos ateliês, vislumbra-se nestes mosaicos os elementos identitários da pulsante sociedade norte-africana da época romana.

O próximo texto de nosso compêndio é redigido por Marcio Teixeira-Bastos e se intitula “Espaços do Sagrado em Cesareia Marítima no Período Romano-Bizantino.” O autor inicia seu texto apresentando o histórico de ocupação e as diversas contendidas políticas que repercutem na vida de Cesareia Marítima, cidade da costa de Israel, objeto de seu estudo.

Teixeira-Bastos destaca a construção do porto da cidade, e demonstra como que o porto se relacionava organicamente com toda Cesareia Marítima, inserindo-se inclusive no contexto das manifestações religiosas da cidade. O autor destaca o Templo de Augusto e Roma, apresentando uma discussão crítica sobre o posicionamento de seu *temenos* e o impacto visual que o templo tinha no contexto da ortogonalidade da malha urbana da cidade.

O autor também destaca a forte presença do culto ao imperador em Cesareia Marítima, atestado, por entre outros indícios, pela iconografia das moedas cunhadas na cidade. O culto à deusa da cidade (*Tyche*) e aos deuses orientais como Mitra e Serápis também são pontuados por Teixeira-Bastos, assim como é destacada por este uma sinagoga localizada no norte do sítio, perto do porto helenístico.

Finalmente, o autor discorre sobre sua compreensão acerca da religião, entendendo-a em termos de corpos, coisas materiais, áreas e espaços de interação das mais variadas formas, que marcaram os elementos constitutivos da vida social em Cesareia Marítima.

Já o artigo de Cássio de Araújo Duarte, “Desembaraçando as tramas interpretativas: reflexões sobre os usos e conteúdos do Livro do *Amduat* durante a 21ª Dinastia”, aborda a discussão existente acerca da denominação moderna do Livro da Câmara Secreta (“*Amduiat*”). Em sua reflexão, Duarte observa que a literatura egíptológica acabou por criar um labirinto epistemológico que se sustenta no aparecimento posterior de trechos dessa obra.

O autor ainda destaca que as demais expressões iconográfico-religiosas dos chamados “papiros mitológicos” – temas também presentes em urnas funerárias – foram postas à parte do processo histórico-cultural. Neste sentido, Duarte destaca os vícios interpretativos da disciplina gerados a partir de vários juízos de valor, como a persistência das noções de apogeu *versus* decadência, entre outros.

No capítulo seguinte, “Arqueologia e cristianismo antigo: um percurso histórico sobre a interpretação da cultura material”, Alessandro Mortaio Gregori busca apresentar um panorama histórico a respeito da interpretação dos antigos remanescentes materiais do cristianismo, principalmente os que se relacionam à questão da imagem. Mortaio procurará demonstrar que os estudos arqueológicos

do cristianismo antigo se mostram hoje uma área consolidada de pesquisa, mas que as querelas interpretativas e teológicas em que os fundadores da disciplina se envolveram ao longo do tempo sempre foi uma barreira a ser superada. Outra reflexão que propõe este autor visa permitir ao leitor o adentramento na discussão sobre as fontes materiais para o estudo do cristianismo antigo, em que busca fornecer subsídios para que seja compreendida a importância do conhecimento histórico sobre a interpretação dos artefatos e imagens na construção de saberes sobre o passado.

Gregori demonstra em seu texto, dentre as diferentes interpretações possíveis para os registros materiais cristãos antigos, duas possibilidades de compreensão do desenvolvimento do cristianismo na antiguidade: a ligada à escola de Roma, em que os trabalhos procuram harmonizar as fontes arqueológicas com os textos patrísticos, e que representa a tradição; e a do “simbolismo comparativo” ou “metodologia contextual”, que busca compreender os vestígios materiais a partir de um contexto mais amplo, que é o das religiões antigas do Mediterrâneo.

O próximo e derradeiro capítulo desta coletânea é de Lygia Ferreira Rocco e se intitula “Territórios plurais dentro do QAŞR ASH-SHAMA^c (Fortaleza da Babilônia)”. O mote principal da autora é entender a construção da paisagem do Cairo islâmico, inserida num contexto de multiplicidade de atuação de grupos culturais, constituída por elementos naturais e também por aqueles que outrora foram construídos pela ação humana.

Lygia Rocco demonstra como as paisagens culturais se sobrepõem, são reconstruídas e ressignificadas, em um movimento que as torna dinâmicas e eternamente inacabadas. A autora demonstra como o *Qaşr Ash-Shama*^c – o conjunto das Três Religiões, ou Complexo Copta como atualmente é conhecido – se desenvolve essa paisagem dinâmica que vai sendo sempre ressignificada. Neste sentido, para a autora, a paisagem é composta por redes complexas de significados formadas por signos, cada elemento da paisagem (rio, colina, nascente, sinagoga, igreja, mesquita etc.) deve ser entendido como um possível signo, e cada componente é o suporte material da paisagem o qual sustenta uma ideia. Assim, a paisagem urbana se torna um dos componentes centrais da noção de territorialidade.

Todos os temas que os capítulos desta obra abarcam refletem sobre religião, urbanismo, cultura material, análises técnicas, abordagens teóricas e metodológicas. Todos estes temas de uma forma ou outra sempre transitaram, transitam e transitarão pela sempre competente atuação da nossa professora Mabel.

VAGNER CARVALHEIRO PORTO

MARCIA SEVERINA VASQUES

MARCIO TEIXEIRA-BASTOS

